

Méry

Vão agora principiando a desapparecer da scena do mundo esses grandes escriptores, que, nascidos com o seculo, lhe inundaram de tão vivo esplendor a aurora; esses escriptores cheios de enthusiasmo, de fogo e de vida, cuja imaginação, abrazada por um reflexo das scenas épicas do imperio, das scenas tragicas da republica, se arrojou, ébria de prazer, vendo-se livre da etiqueta litteraria do seculo de Luiz XIV, pelos novos trilhos que tinham aberto na vigorosa floresta da phantasia humana esses gigantes que foram os Mirabeaus e os Napoleões da revolução litteraria; esses gigantes que se chamavam Gœthe, Byron, Chateaubriand e Scott, cujos nomes, gravados no marmore da historia, não a illuminarão com menos lampejos do que a espada do grande imperador ao gravar em letras de bronze n'essas marmoreas paginas a epopéa sublime da sua existencia quasi legendaria.

O tumulo vae reclamando esses homens que encantaram a nossa adolescencia e foram os confidentes dos sonhos da nossa juventude. Essa geração brilhante, que pullulava enthusiastica e ardente ao sol da nova litteratura, como um acervo de plantas tropicaes ao claro sol da America; essa geração, em cujo seio referviа o lyrismo, vae-nos cedendo o campo a nós, velhos de vinte e cinco annos, cuja mocidade tem de se envergonhar perante a velhice verde, robusta e ainda creadora dos nossos predecessores; a nós, pallidas plantas de estufa, que succedemos a esses baobabs copados e viçosos, onde os annos pareciam apenas opulentar a seiva e espraiar a ramaria. E de cada vez que o machado do matteiro impiedoso derruba uma d'essas arvores, ainda todas avergadas a um tempo dos fructos do pensamento e das flores dos sonhos juvenis, sentimos uma tristeza profunda, como se fosse mais uma gota do calice do ideal que se derramasse diante de nós, como se fosse mais uma parcella do fogo sagrado que se extinguisse, e temos a triste convicção de que já não ha quem ouse encher a sublime taça na Castalia, onde nossos paes se dessedentavam com delicias; de que já não ha

quem saiba reaccender a sacra chamma que inflammava a geração que nos precedeu, e que a tornava apta para os grandes commettimentos e para as portentosas concepções.

Morreu ha pouco em Paris um dos homens que melhor representavam as tendencias d'essa geração, educada com os boletins do imperio, e que n'essas paginas concisas, onde se respirava o cheiro da polvora, e onde parecia ainda arder o fogo da batalha, bebia o enthusiasmo com que entrava na liça, ou para defender a liberdade, ou para deixar vaguear a phantasia pelas mil veredas floridas que o espirito humano se compraz em percorrer quando não é obrigado pela vara de ferro do despotismo a seguir a sêcca e arida estrada real, em cujos extremos se encontravam esses dois guarda-barreiras, Boileau e La Harpe.

Esse homem, cuja physionomia é uma das mais caracteristicas e vigorosas do seculo XIX; esse homem, cuja morte não produziu tanta impressão na Europa como se julgaria que produzisse, porque succedeu na occasião em que estavam todas as attenções absorvidas pela gigante lucta que se principiava a travar nas margens do Mincio e do Elba; esse homem era o poeta e romancista marselhez José Méry.

Foi em Marselha que elle nasceu, no anno de 1798, e nem outro sitio de França havia onde se podesse formar essa imaginação ardentissima, que parecia conservar uma centelha do espirito atheniense legado aos marselhezes pelos phoceos, fundadores da velha colonia das Galias. Diz Henrique Heine, no seu formoso livro *Reisebilder*, que uma linda rapariga que viu lhe parecêra formada de luar, perfume de rosa e canto de rouxinol; na opulenta phantasia de Méry parece que entraram como elementos constitutivos o sol da Provença, o aroma das larangeiras de Nice e o murmurio das vagas do Mediterraneo; os versos, que lhe brotavam com tão espontanea melodia dos labios como elles acodem no molhe de Napoles á mente do improvisador, acariciam o ouvido como doce musica da onda azul que se enrola preguiçosamente junto das Hyeres, e vem desfazer-se com languidez em alva espuma nas costas da França meridional; a prosa dos seus romances, conservando uns echos da harmonia poetica, tem ao mesmo tempo um brilho scintillante e ardente, como a rocha vermelha e escalvada, onde batem a prumo os raios solares; circulam nos seus periodos esses aromas voluptuosos que fluctuam na atmosphera abrazada que inflammava o sangue dos trovadores, e lhes inspirava as amorosas canções que, percorrendo a Europa, insinuavam nas veias de todos os povos o lubrico ardor e a lasciva «morbidezza» da Venus provençal.

Destinado primeiro, segundo parece, ao estado ecclesiastico, Méry fez desenvolvidos estudos classicos, e tornou-se tão senhor da lingua latina, que improvisava no idioma de Virgilio como Angelo Policiano, Pico de Mirandola ou qualquer outro sabio da renascença [1]. A convivencia com os ardentes poetas de Roma, que iam procurar nas brisas de Baia a calida inspiração de que precisavam para cantarem as suas Cinthias, Lesbias ou Corinnas, não concorreu pouco, de certo, para fazer correr um sôpro de fogo pelo seu estilo essencialmente colorido. O demonio litterario logo o desviou dos estudos theologaes, e o attrahiu a Paris, onde se entregou á vida facil e aventurosa a que as tentações da capital convidam a juventude provinciana que se deixa illudir pelos cantos da sereia. Voltando a Marselha, travou conhecimento com Alphonse Ralbe, o historiador que primeiro soube fazer entrar

1 No principio do seu romance *La Juive au Vatican* vem uma formosa poesia latina, dirigida a Pio IX, em que advoga perante o papa a causa dos judeus de Roma. Começa por este distico:

Gens hebræa dolens tiberina torpet in urbe
Olim cara Deo, nunc pecus, Alma Pater!

nos *Resumos* sêccos e aridos as vistas largas e as concepções philosophicas da moderna eschola historica [1]. Por muito tempo fez para este escriptor traducções do latim; mas, sentindo em si a chamma creadora, que anciava por expansão, pediu ao seu protector uma carta para Soulé, proprietario do *Anão Amarello*, jornal satyrico finamente escripto que se publicava em Paris, improvisou á vista dos maravilhados redactores um delicioso artigo sobre um thema que elles mesmos lhe deram, e começou desde então a mimosear o publico parisiense com esses artigos humoristicos e paradoxaes que deram tanto brilho á sua reputação.

Porém, para chegar á celebridade por esse caminho, eram necessarios longos annos de serviço, e o ardente marselhez queria tomar de assalto a posição litteraria a que a sua consciencia lhe dizia que tinha direito. Foi o poeta quem abriu caminho ao prosador. Reinava então em França a dynastia da restauração, e o governo estava nas mãos do ministerio Villèle, que, pelas suas transigencias com a reacção e com os jesuitas, conquistára as antipathias liberaes. O grego de Marselha pediu ao seu collega Aristophanes o latego mordente; o verso voluptuoso, que se embalava no berço de espuma do Mediterraneo, empinou-se como a vaga ao açoite da procella, rugiu, e desabou com fragor sobre o ministerio infeliz. O poema heroi-comico *La Villèliade* obteve um successo immenso, comprovado por cincoenta mil exemplares tirados em dezeseis edições. Méry tinha, finalmente, um nome.

Ora havia então em Paris um seu compatriota, Juvenal por instincto, acre, vehemente, feroz, que nunca largava o raio da satyra para se recostar voluptuosamente no triclinio, bebendo a longos tragos o dulcissimo nectar da poesia scismadora. O seu verso flammejava sempre, sem deixar por isso de ser harmonioso como um canto; era um trovão admiravelmente afinado pelas harpas dos anjos. Este marselhez chamava-se Barthélemy. Ligava-o uma extremada sympathia ao auctor da *Villèliade;* tinham ambos egual adoração pelas riquezas metricas, pela opulencia da rima desconhecida dos poetas dos seculos anteriores, pelo fervido colorido da phrase; ambos manejavam admiravelmente a ironia; era só mais sangrenta a de Barthélemy, e a de Méry mais suave; essas qualidades, por fim de contas, completavam-se umas ás outras. Projectam os dois reunir n'um mealheiro commum os seus haveres litterarios, fundir no mesmo fogo o oiro dos versos de Méry, o bronze dos do seu collega, e arrojal-os depois, assim candentes e indistinctos, para o molde dos poemas [2]. D'esta collaboração nasceram ainda outras composições politicas: *A Peyronneida*, *Um sarau em casa de mr. de Peyronnet*, *A Corbiereida*, *Os Jesuitas*, *Os Gregos*, *Sidianas*, *A Censura*, *Roma em Paris*, e mil outros tiros que a aljava dos dois marselhezes descarregou incessante sobre os ministros de Luiz XVIII e Carlos X. Depois veiu a revolução de 1830; os dois poetas depozeram a penna e empunharam a espingarda, combateram nas barricadas, e, depois do combate, as suas duas musas, ainda offegantes da lucta, enlaçaram-se n'um sublime abraço, e

1 Entre muitos outros, ha d'este escriptor um *Resumo da historia de Portugal*, que é uma das melhores obras que no estrangeiro se tem escripto sobre as nossas coisas.

2 N'uma noticia que precede as obras devidas á collaboração dos dois poetas, diz o seguinte Luiz Reybaud (o celebre auctor de *Jérôme Paturot*) ácerca do modo como elles trabalhavam:

«Trabalham juntos a um tempo; a sua manipulação poetica não é individual e isolada; é simultanea e collectiva. Estão defronte um do outro, sentados, deitados, em pé, tripudiando ou gesticulando, encostados á mesa ou recostados n'uma poltrona, galvanisados ambos pelo deus intimo, bafejando a um tempo a mesma idéa, arrojando-a primeiro informe e confusa, depois passando-a um para o outro, polindo-a alternadamente, colhendo-a, em fim, brilhante e completa, sem que se possa dizer quem lhe deu mais fórma e côr, mais carne e vida.»

Os dois poetas mesmos designaram-se um ao outro admiravelmente, quando escreveram na *Nemesis:*

..........cet ami, mon complice ferrent
De mon vers implacable hémistiche vivant.

arrojaram ao publico o poema da *Insurreição*, em cujos versos frementes como que trôa ainda o ruido da fusilaria.

Já os dois poetas gemeos, se assim me posso exprimir, tinham tentado o genero da epopéa, e tinham escripto esse admiravel livro que se intitula *Napoleão no Egypto*. Afastando-se completamente das velhas regras, este poema é, comtudo, parece-me, o modêlo da epopéa moderna, se póde haver epopéa n'uma epocha em que o maravilhoso faz sorrir, posto ao lado dos heroes contemporaneos. As descripções das batalhas, a impetuosidade da acção, as paizagens esplendidas, a côr ardente dos horisontes, a valentia do verso, o desenho a largos traços do vulto colossal que se estampa no fundo do quadro, dão a esta estranha epopéa um tom lyrico que, se tira ao poema épico a tradicional gravidade, insuffla-lhe ao menos uma corrente electrica que faz estremecer os leitores, e os arrasta na esphera vertiginosa da musa delirante dos poetas de Marselha.

Depois de estabelecida em 1830 a monarchia dos Orléans, os ardentes meridionaes, republicanos ou imperialistas enthusiastas, namorados, em fim, de tudo quanto era esplendor, quer dimanasse do facho da revolução, quer da estrella napoleonica, e não encontrando no burguezismo um tanto prosaico, moderado e singelamente benefico de Luiz Filippe a realisação dos seus sonhos de poesia politica, temperaram de novo as armas e voltaram ao combate. A *Nemesis*, satyra hebdomadaria, como elles mesmos lhe chamavam, sacudiu todas as semanas nos ares o seu latego verberante. Poucos escaparam á mordaz ironia dos dois poetas, e até um confrade illustre, Lamartine, teve que passar por baixo das forcas caudinas. É verdade que se vingou nobremente, e que a poesia em que respondeu á satyra de que fôra victima é uma das mais inspiradas do cantor das *Meditações* [1].

Em 1832 o governo supprimiu a *Nemesis*, cujas hyperboles meridionaes começavam a fazer sangue, e a união dos dois poetas dissolveu-se para sempre. Quasi pela mesma epocha principiava Méry a tornar-se notavel como prosador, e a escrever admiraveis romances.

Méry foi, com effeito, um dos mais brilhantes d'esses inesgotaveis narradores, cujos livros fizeram o giro do mundo, e que foram entretenimento querido da nossa adolescencia. A meu ver, entre essa pleiade numerosissima de romancistas que a França produziu n'este seculo, sete ou oito ficarão como representantes d'esse genero litterario, um dos que tem mais influencia na sociedade, mas genero frivolo e corruptor do gosto, quando não é levantado á altura onde o collocaram os escriptores que vou citar. São elles Balzac, Dumas, Soulié, Sandeau, Sand, Feuillet, Karr e Méry.

Ha ainda, bem sei, muitos outros escriptores que possuem um notavel talento, e cujos livros nos encantam; mas, se examinardes as suas feições litterarias, vereis que são apenas os reflexos, mais ou menos brilhantes, d'estas physionomias principaes.

Os romances de Méry podem dividir-se em duas classes: os da imaginação e os do espirito, os do poeta e os do conversador. No primeiro caso, a phantasia do escriptor provençal procura, primeiro que tudo, a paizagem esplendida, onde se possa banhar á vontade nos raios de um sol ardente, a atmosphera embalsamada, os leques refrigerantes da palmeira, os rugidos amorosos das noites do estio nas regiões tropicaes, os *jungles* da India, com o olho phosphorico do tigre luzindo na escuridade, com o bronze fremente e convulso da epiderme dos indios, com os templos monstruosos cavados no granito, com as serpentes de metal que se enroscam nos altares, com as serpentes de folhagem que se enroscam nas arvores, com a lascivia immensa que chove de um ceo de fogo á hora do meio-dia, com o murmurio vago e enorme das florestas indianas, com as estrellas de oiro de um ceo asiatico, e a vaga espraiando-se dormente nos areiaes do Malabar. Ahi sim, n'essas paizagens tepidas, beijadas pelo sol, sentia-se á vontade o poeta que tiritava de frio na atmosphera gelada de Paris. Então no meio d'esse scenario esplendido fazia elle agitarem-se paixões férvidas e implacaveis, enlaçava e desenlaçava o enredo no meio dos tigres e dos Taugs, e das emboscadas nocturnas. É por entre estes perigos rugidores passava o typo querido do romancista, o viajante intelligente, o europeu paradoxal, o homem de espirito fino e poetico, fazendo um comprimento a uma mulher entre duas balas, recitando um madrigal n'uma emboscada, contando elegantemente uma anecdota, que é a cada passo interrompida pelos rugidos de uma panthera. Eis o que são os seus melhores romances: *Heva*, *A Florida*, *A Guerra do Nizam*, quadros admiraveis do Indostão e da Africa, télas inundadas de sol, onde se agitam deliciosas figuras femininas, e que o vulto sympathico de sir Edward Klerbbs, o *christão errante*, atravessa deixando atraz de si um rasto resplandecente de poesia e graça, um perfume de elegancia indescriptivel.

O poeta tambem se contenta com outros scenarios; comtanto que sejam maravilhosos, comtanto que o sol os doire, acceita egualmente para bastidores dos seus dramas ou os porticos verdejantes das florestas, ou os palacios marmoreos de Genova e Veneza, a India ou a Italia, o Tibre e as suas tradições magnificas, ou o Ganges e os seus poemas mysteriosos, Roma com os prestigios da historia, Java com o prestigio das lendas orientaes. O seu pincel, carregado de tinta, compraz-se egualmente em lançar na téla ou as massas de folhas, o ceo de anil, os horisontes rubidos do Indostão, ou os perfis magestosos do Colyseu, os ares limpidos, os horisontes docemente coloridos da Ausonia. Mas depois, n'est'outro scenario, são dramas tambem gigantes que se representam. Haverá vultos excepcionaes no amor ou no odio, figuras grandes e bellas, e ao fundo hão de passar os grandes vultos da epopéa moderna, Bonaparte ou Murat, idolos do poeta, que vê n'elles a dupla encarnação da poesia guerreira, como a phantasia dos povos a concebe, na suprema tranquillidade do genio, ou na impetuosidade ardente da bravura. Romances assim escreve-os elle maravilhosos: *Um amor do porvir*, *A judia no Vaticano*, *A condessa Hortencia*, e esse admiravel livro de viagens, onde prodigalisou as mais brilhantes tintas da sua palheta, e que intitulou *As noites italianas* [1].

A outra feição do seu talento era a de conversador. Na palestra, os fogos de artificio deslumbravam os ouvintes, que se fatigavam mais depressa do que elle d'essa improvisação, para assim dizermos, febril, que percorria toda a escala do espirito humano, desde o pensamento philosophico mais elevado até ao paradoxo mais extravagante, que entrelaçava tão facilmente a erudição mais profunda com a frivolidade mais encantadora. O que o homem era na conversação era tambem o escriptor nos seus livros. Ha innumeros volumes d'elle que são apenas deliciosas divagações sobre todos os assumptos imaginaveis, anecdotas contadas com uma vivacidade deslumbrante, paradoxos sustentados com a mais comica e original gravidade, trechos de uma eloquencia admiravel, novellas onde

[1] Vem appensa ás *Harmonias*, e principia assim:

Non; sous quelque drapeau que le barde se range,
La Muse sert sa gloire et non ses passions;
Non, je n'ai pas coupé les ailes de cette ange
Pour l'atteler hurlante au char des factions.

[1] Alguns dos mais bellos capitulos d'este livro tiveram a honra de ser traduzidos em portuguez pelo nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho.

lampeja em cada periodo o bom humor, a jovialidade, e que a poesia não deixa de illuminar tambem com os seus raios de oiro.

Dos livros d'este genero o mais bello é talvez o que se intitula *Noites inglezas*. Comtudo, ha muitos outros que encerram joias preciosissimas: *Les matinéas du Louvre*, *Paradoxes et réveries*, *Les nuits d'Orient*, *Les nuits parisiennes*, *Les nuits espagnoles* e quantos! O poeta marselhez, como a princeza dos contos das fadas, que lançava perolas da boca, tinha no seu maravilhoso tinteiro um mar de Ceylão, d'onde as perolas vinham a flux na penna que lá ia procurar as phrases.

Ha um mez recebemos inesperadamente a noticia da sua morte. Impressionou-nos, e não quizemos deixar de prestar homenagem n'este jornal a esse encantador espirito que desappareceu subitamente d'entre nós. Possuindo uma imaginação vivissima, e podendo soltal-a á vontade pelos campos do lyrismo, que a revolução litteraria abria francamente a todos os espiritos fatigados de vaguearem nas alamedas regradas dos classicos jardins, Méry, se ás vezes descaía na affectação, se nunca pôde limitar-se a uma nobre simplicidade, arrojou com mãos largas os thesouros da sua opulencia intellectual. A prodigalidade é um feliz defeito; quem ousará dizer á arvore gigante que espaneja a sua prodiga ramaria ao sol e ás brisas do Brasil: «Vem á fria Europa conter o teu desenvolvimento entre os vidros de uma estufa?» Quem ousa dizer á aguia: «Não vôes tão alto; receia as vertigens?» Taes vertigens não as tem qualquer. A quéda de Phaetonte é privilegio de poucos. Esses desastres sublimes só os alcançam os que são filhos de Apollo.

M. PINHEIRO CHAGAS.

MUNICH

SUA ORIGEM E ENGRANDECIMENTO; O ARCO TRIUMPHAL E O TEMPLO DA GLORIA

Munich é uma cidade muito antiga, que de pequena e pobre aldeia que era em seu principio veiu a transformar-se em uma das mais bellas e ricas capitaes da Allemanha. Não deve, porém, o seu engrandecimento ás vantagens da sua situação geographica. Deve-o a um acaso, ou, diremos melhor, a um acontecimento fortuito, que a fez saír do seu humilde berço e crescer rapidamente até ao ponto de se constituir cabeça de um dos mais florescentes estados allemães.

Póde-se dizer que Munich nasceu, como a nossa Villa Nova de Gaya, da lucta do poder real com o theocratico.

No meiado do seculo XII o bispo de Freising, vendo que ás margens do Isere affluiam constantemente muitos commerciantes e grande quantidade de generos, principalmente sal, extrahido das inexhauriveis minas de Saltzburgo, e que a passagem do rio era incommoda, demorada e muitas vezes perigosa, resolveu mandar construir uma ponte para facilitar as communicações entre as duas margens. Qualquer que fosse o amor do prelado pelo bem publico, é certo que entrou no seu plano tirar grandes proventos d'aquella obra. E com effeito assim aconteceu, por quanto, procedendo a essa fundação em terreno sujeito á sua jurisdicção secular, logo que a ponte foi concluida estabeleceu um imposto de transito sobre todos os passageiros e mercadorias que a atravessassem; creou ao mesmo tempo um mercado publico junto da ponte; e tambem alli fundou uma casa de moeda, ou de cambio, onde poz empregados que trocavam, com algum desconto, o dinheiro estrangeiro pelo do paiz.

O commercio correu de muitos pontos do ducado da Baviera a aproveitar-se d'estas passagens, e o bispo começou a arrecadar avultado rendimento.

Este resultado excitou a cubiça ou despertou as vistas economicas de Henrique X, cognominado o *Leão*, que fôra acclamado duque de Baviera havia pouco, correndo o anno de 1154. Este soberano, seguindo o exemplo do bispo, edificou uma ponte sobre o Isere, não muito distante da outra, mas em territorio da jurisdicção ducal, e junto d'ella fundou um mercado e uma casa de cambio. Usando, porém, das suas prerogativas de soberano, a par do imposto com que onerou a passagem da ponte, concedeu ao commercio taes privilegios e immunidades, que em breve a ponte ducal absorveu todo o transito da ponte episcopal.

Levantou-se immediatamente uma querela entre o prelado e o soberano. Aquelle queixou-se ao papa; mas como o conflicto dizia respeito a temporalidades, ao cabo de longa desintelligencia accordaram em submetter a questão ao juizo arbitral do imperador da Allemanha. Por sentença datada do anno de 1158, decidiu este que prevalecessem os direitos ducaes, sendo vedada a passagem pela ponte do bispo, ficando, porém, obrigado o duque a dar ao prelado, como compensação, um terço do rendimento annual da mesma ponte.

Em virtude da concurrencia e do poder da industria, surgiu quasi repentinamente uma grande povoação, onde apenas se viam até então um mosteiro com algumas choupanas em volta, que constituiam uma aldeia pequena e miseravel, chamada *Munchen*, nome derivado de *monche*, que significa *monge*.

Eis-aqui como um acaso, uma simples querela, operou esta primeira transformação. A segunda, que deu importancia politica á povoação fazendo-a capital do ducado, que d'ahi a pouco se intitulou eleitorado, e por fim reino, tambem proveiu de um acontecimento que lhe foi estranho.

Quando succedeu a quéda da casa ducal dos Guelfos, no meio das luctas que agitaram a Allemanha, Ratisbona recusou-se a continuar a ser capital do ducado de Baviera, preferindo a esta honra, que lhe era mui onerosa, o titulo e vantagens de cidade imperial, isto é, cidade livre e republica quasi independente. Os duques, conformando-se, mau grado seu, com uma tal resolução, foram estabelecer a sua côrte em *Munchen*, ou, como nós lhe chamâmos, *Munich*, a cidade burgueza fundada pelos seus antecessores.

O governo de Luiz III, duque de Baviera, que foi elevado ao throno imperial em 1314, onde tomou o nome de Luiz V, foi muito propicio a Munich, porque este soberano concedeu á sua capital muitos privilegios, que a fizeram crescer em população e riqueza, ennobrecendo-a ao mesmo tempo com varios edificios grandiosos.

Desde essa epocha todos os successores de Luiz III, que principiaram a intitular-se eleitores no anno de 1623, e reis em 1799, cuidaram mais ou menos de aformosear e engrandecer Munich. Porém o que a todos levou a palma n'este empenho foi el-rei Luiz I, o qual, tendo abdicado a corôa em seu filho, Maximiliano II, ainda vive, sendo seu neto, Luiz II, actualmente reinante.

Com o espirito cultivado por variedade de estudos, verdadeiro amador das bellas-artes, amigo do progresso e corajoso emprehendedor, el-rei Luiz I dotou a Baviera com muitas e excellentes estradas, bons canaes e alguns caminhos de ferro; augmentou a capital e ornou-a com esplendidos monumentos.

Raras vezes se terá visto, certamente, em qualquer outro paiz, um movimento tão grande e simultaneo em obras de utilidade publica e em todo o genero de impulso que um governo illustrado póde dar ás sciencias, ás letras e ás artes.

Distinguiu-se ainda o reinado de Luiz I por outro

merecimento, todo pessoal, porque partia do monarcha o pensamento e a execução. Era a economia rigorosissima com que se superintendiam todas essas obras e melhoramentos, sobre tudo na capital, onde el-rei dava o exemplo, vigiando com os seus proprios olhos o progresso dos trabalhos, incitando com a sua presença o zêlo dos artistas e operarios, e, finalmente, examinando as contas das despezas e distribuindo as sommas para cada obra segundo as forças do real thesouro.

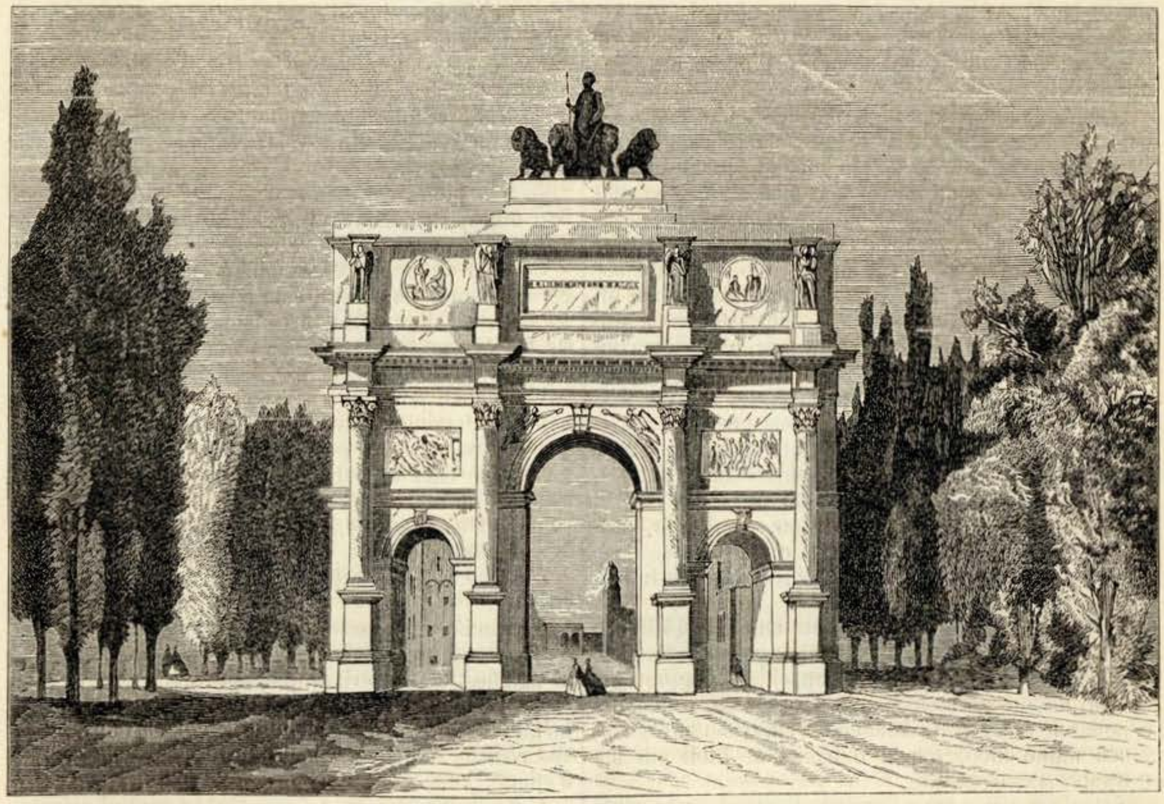
Por este modo, e tambem por meio de importantes economias que fez em outros ramos da administração publica, conseguiu levar a cabo tantas construcções grandiosas, sem sobrecarregar o povo com tributos novos.

Como prova do patriotismo d'este soberano e do seu amor pelas artes, vamos dar conta aos nossos leitores de dois monumentos artisticos, soberbos e grandiosos, erigidos em Munich, e consagrados por el-rei Luiz I á gloria militar da Baviera, e aos seus filhos que mais se illustraram manejando a penna, ou o pincel, ou o escopro, ou, em fim, que por qualquer maneira adquiriram nome e honraram a patria.

Esses dois monumentos são um *arco triumphal* e o *templo da Gloria*. Reservando tratar d'este em outro numero do *Archivo*, publicâmos agora a gravura que representa o primeiro.

O *Siegesthor*, como chamam os bavaros a este arco triumphal, é uma cópia do *arco de Constantino* em Roma. Levanta-se em uma das extremidades da *Ludwigsstrasse* (rua de Luiz).

Construido de marmore e decorado com bellas estatuas, paineis de baixo relêvo e outras esculpturas, apresenta uma perspectiva encantadora e sumptuosa,



Arco triumphal em Munich

realçada pela verde e frondosa copa do arvoredo que cerca o monumento pelos lados.

Tem por coroa a estatua da Baviera sentada em um carro triumphal, que é puxado por quatro leões. Toda esta obra é de bronze. No attico avultam quatro estatuas da Victoria, representando os fastos militares da nação.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 115)

III

EM QUE O AUCTOR FALLA DA SITUAÇÃO DA EUROPA NO SECULO XVI, E DA ORIGEM DO PROTESTANTISMO

No momento em que o neto dos reis catholicos chegava á Hespanha para tomar posse da coroa de Castella, tudo annunciava na Europa as guerras que, desde então até ao anno de 1557, deviam originar n'ella uma das mais espantosas crises.

A ambição dos soberanos, maior n'elles que em outras pessoas, porque contam com maiores forças e elementos mais poderosos para satisfazel-a; a ambição, diziamos, preparára os animos para a lucta, e o quadro que então representavam os interesses da Allemanha, da Hespanha, da França e da Italia, era, embora em menor escala, simillhante ao que tres seculos depois maravilhou o mundo, vendo-se no primeiro plano a figura gigantéa do capitão do seculo, Napoleão I.

Se não era bastante a ambição dos principes para commover a sociedade, por assim dizer, nascente, ainda não tinham acabado na Hespanha as guerras religiosas com a expulsão dos moiros, principiava na Allemanha a propagar-se a heresia de Luthero, e este celebre philosopho, este propheta do protestantismo, devia com o fogo da sua intelligencia accender de novo o facho da discordia, exacerbar os animos, dividil-os, incital-os, e alimentar viva a guerra das guerras, a mais tenaz, a mais profunda e a mais sanguinolenta de todas — a guerra religiosa!

Ainda quando tratassemos de esboçar apenas os primeiros dias do reinado de Carlos V, como em a nossa collecção de episodios historicos encontraremos os effeitos da eschola protestante, que nunca reinou em Hespanha, ao passo que apresentámos a situação da Europa ao começar o reinado do herdeiro de Joanna a *Doida*, não julgâmos que será indifferente uma relação intima, se nos permittem a phrase, da historia, ou, antes, das origens da seita protestante, e do seu iniciador e propagador Martinho Luthero, e referil-a-hemos como a encontrâmos no livro de fr. Prudencio Sandoval, chronista de Carlos V, livro copioso em dados preciosos e fonte de nossas inspirações ao escrever este romance.

Além d'isso, os satellites da nova doutrina deram tanto que fazer ao nosso protagonista, que não vem fóra de proposito os pormenores que reproduzimos.

Disse-se algures que os successos mais extraordinarios tem tido origem vulgar. Se antes de nós ninguem houvesse estabelecido este principio, haveria agora occasião de estabelecel-o, baseando-nos na experiencia das coisas, ao tratar de Luthero e de sua doutrina.

Quando hoje, depois de terem decorrido quatro seculos, contemplâmos o espantoso quadro das guerras suscitadas pela heresia de um homem; quando vemos tantas victimas sacrificadas por uns e amaldiçoadas por outros; quando tantos interesses encontrados luctam e perecem ao passo que retrogradâmos em nossas investigações pelo passado; quando pensâmos nas profundas raizes que o protestantismo lançou em algumas nações da Europa, ainda que lastimemos profundamente o extravio da humanidade, ainda que consideremos este assumpto como um dos mais graves que tem abalado o mundo, não podêmos, todavia, deixar de sorrir-nos ao saber que essas guerras sanguinolentas, essas victimas, esses interesses em litigio permanente, essas perturbações, nasceram de uma divergencia vulgar, de uma questão de amor proprio entre duas communidades, de uma pendencia mesquinha entre os frades dominicos e agostinhos.

Eis os mysterios que nos descobre a historia intima d'aquelles tempos.

Luthero nasceu na Saxonia, no anno de 1485, no dia de S. Martinho. Chamava-se seu pae João Ludder, mas elle não quiz usar d'este appellido, porque *ludder* no idioma germanico significa *ladrão*, e adoptou o nome de Luthero. Ganhando a vida como advogado, ainda muito moço tomou o habito de frade por um estranho acontecimento.

Saíra um dia para o campo. Contava então vinte annos. Ia só, e de repente viu desenvolver-se uma pavorosa tempestade. Parou atemorisado, e uma faisca electrica, abrindo o solo junto d'elle, perturbou-lhe os sentidos. Não morreu, porém.

Pouco tempo depois entrou na ordem de Santo Agostinho, compungido ainda e medroso. Com a mudança de vida mudou de estudos e de idéas. Era a theologia o seu estudo quotidiano, dando-se a conhecer desde todo o principio entre os membros da ordem pela novidade dos conceitos e pela argumentação, que, afastando-se dos limites escholasticos, revelavam n'elle uma intelligencia superior e um caracter indomavel.

Diziam todos que era o demonio em pessoa, e, a julgar pelos escriptos da epocha, elle proprio deu causa para o acreditarem.

— Conheço muito bem o demonio, exclamava Luthero ás vezes, para ver o effeito que produziriam estas palavras, e elle tambem me conhece melhor que eu.

Estava um dia no coro do convento. Cantava-se o Evangelho, e chegando o que psalmodiava ao versiculo: *Dæmonium et illud erat mutum*... dizem que Luthero caíu no solo dando terriveis gritos:

— Não sou esse de que fallam!... Não sou...

Desde aquelle dia, todos os que o rodeavam acreditavam profundamente que se não era o diabo em pessoa, faltava-lhe pouco para o ser. Houve até quem assegurasse que o vira tratar directamente com Satanaz. A ignorancia dominava então em todas as classes, e tomavam-se em muitas occasiões como verdadeiros os sonhos e as apparições.

Em poucos annos, uma polemica que sustentou em Roma, as suas explicações na cadeira que regia na universidade de Wurtemberg, os seus energicos discursos em que tratava de todos os assumptos da epocha, alcançaram a Luthero uma fama universal nos conventos, que eram então, como todos sabem, os centros monopolisadores da civilisação.

Estando Luthero n'este conceito, succedeu que o papa Leão X concedeu umas indulgencias para a fabrica de S. Pedro. Para as prégar nomeou o santo padre commissario geral na Allemanha ao cardeal Alberto, arcebispo de Moguncia, principe eleitor e marquez de Brandeburgo.

Era costume mui antigo confiar aos frades agostinhos a prégação da cruzada; mas n'aquella occasião o cardeal, voluntariosamente ou por outra circunstancia que a historia não revela, confiou-a aos da ordem de S. Domingos.

— Não póde ser! gritaram os de Santo Agostinho. Isso é desprezar os nossos direitos e humilhar a nossa dignidade.

Como o duque de Wurtemberg era parente e amigo do vigario da ordem, este e Luthero queixaram-se da injustiça do cardeal, e o duque deu-lhes attenção. Os frades agostinhos não pouparam nenhuma phrase injuriosa para qualificar o procedimento dos dominicos e do seu protector.

— Os dominicos, diziam os agostinhos, são egoistas e hypocritas. A publicação das bullas pertence-nos; e se elles as publicarem, usurpam-nos esse direito.

— São usurpadores, não ha duvida!

— E embusteiros!

— Com as bullas illudem os parvos e enchem os cofres...

Renunciâmos a escrever esta serie de improperios, entre homens chamados por sua profissão a moderar as paixões, e que deviam, por seu caracter, saber moderar as d'elles, porque essas paixões eram principalmente miseraveis. Se os dominicos enganavam os parvos com as bullas, o que faziam os agostinhos antes d'elles?

Luthero, irado pela deliberação do cardeal primaz, escreveu-lhe uma carta ridiculisando as indulgencias, e depois redigiu um protesto, offerecendo-se para defendel-o contra os campeões do catholicismo que ousassem luctar com elle.

Foi esta, portanto, a origem da seita protestante. A inveja encontrou um homem, dominou-o e exacerbou-se; nos seus impetos pretendeu destruir tudo quanto lhe embaraçava a passagem; e uma simples contenda entre duas ordens religiosas dividiu a christandade e lançou ao mundo a semente de innumeraveis luctas, que ainda hoje existem occultas umas vezes, e outras ostensivas, embora em toda a parte se proclame a tolerancia.

Os successos que referimos occorreram no anno de 1517, e desde todo o principio a nova seita inquietou sobremodo os estadistas, uns porque a temiam, e outros porque inferiam que viriam a servir-se d'ella como de instrumento para satisfazer caprichos e ambições.

Ameaçava a Europa, como vemos, espantosa commoção, que devia ser tanto mais violenta, quanto ao mesmo tempo se achava abalada pela discordia dos interesses italianos, francezes e allemães. Era tal o sobresalto e a inquietação de todas as classes, que

podêmos dizer com razão sobeja, que, tornando-se geral a allucinação, os absurdos, os prognosticos e os augurios mais risiveis, acreditavam-se como verdades averiguadas.

«Querendo os ceos ou os demonios, diz o chronista de Carlos V, demonstrar o sangue que em vida d'este principe se havia de derramar no mundo, pelo mez de agosto de 1517, nos prados de Bergamo, povoação da Lombardia, durante oito dias consecutivos, tres e quatro vezes por dia, se viram sair fóra de certo bosque batalhões de homens a pé, com grande disciplina, de doze mil infantes cada batalhão, contando-se até o numero de cinco. Viram-se, além d'estes, á mão direita, continúa o historiador, outros esquadrões de mil homens de armas, e á mão esquerda infinito numero de cavalleiros a cavallo, e entre os homens de armas e a infanteria grande quantidade de carros de artilheria; e ao encontro d'estes homens saiam outros tantos com a mesma ordem e armados do mesmo modo. E na vanguarda e rectaguarda outras muitas companhias de homens a pé e a cavallo, como capitães, fallando uns com os outros; depois separavam-se, e no fim de um pequeno intervallo appareciam tres ou quatro a cavallo com grande pompa, os quaes, pelas coroas e outras insignias reaes que traziam, pareciam reis, e acompanhavam outro mais principal, a quem todos se humilhavam e tratavam com a maior reverencia. Juntavam-se estes principes com outro que os esperava no meio do caminho, rodeado de numeroso sequito e de varios embaixadores. Pouco depois, quando terminava a deliberação, o grande principe ficava só; com o orgulho no rosto, irado, impaciente, armado em branco, tirando a manopla e lançando-a ao ar, sacudia a cabeça, e com a vista turvada voltava-se para observar a ordem que guardava o seu exercito.

«No mesmo ponto soavam trombetas e tambores, clarins e outros instrumentos de guerra, entre o estrondo da artilheria que disparava, e não parecia senão sair tudo do inferno. Viam-se innumeraveis bandeiras e estandartes na frente dos homens armados que avançavam uns contra os outros, com impeto e ferocidade horriveis, dando-se elles tão crueis golpes que se despedaçavam.

«Foi tão espantosa a visão, que os que a viram diziam que não sabiam com que comparal-a senão á propria morte. Durava a batalha meia hora, e logo cessava, desapparecendo os exercitos. Alguns que se atreveram a chegar á paragem onde se davam as batalhas, viam innumeraveis javalis que permaneciam até alguns instantes, e logo se escondiam no bosque, ficando no campo vestigios de homens e cavallos, e muitas arvores arrancadas e queimadas a fogo. Os que deram este passo arriscado adoeceram depois.

«Por outra parte, alguns dalmatas, navegando pelas aguas do Adriatico, juravam ter visto quinze estados da Roumania levantando ao ar um lobo com uma peça de panno de côr na boca e nas mãos. Na Allemanha, saíram um dia de uma egreja, que estava no deserto, muitos homens com armas brancas e os seus capitães, tendo um d'elles a bandeira vermelha com uma cruz no centro; a bandeira do segundo era branca e tinha luas amarellas. Os dois bandos combatiam com grande ruido de tambores e trombetas, e as pessoas que presenciavam os seus combates adoeciam e morriam. A peleja durava quatro horas diarias.»

Corriam estes boatos de boca em boca por todas as regiões da Europa, e apavoravam os animos propensos a acredital-os. Os que sabiam, no entretanto, até que ponto mereciam credito estes augurios, exploravam a credulidade do vulgo e attrahiam ao solo o germen da desordem, para colherem como fructo as violentas guerras que depois rebentaram.

Antes de descrever o que occorreu em Villaviciosa ao nosso protagonista, vejamos os preparativos que se faziam na patria adoptiva para o receber.

A Hespanha estava alegre e alvoroçada com a noticia da proxima chegada do seu principe. O infante D. Fernando e os governadores com residencia em Madrid resolveram dirigir-se a Aranda do Douro, para esperar alli o aviso da chegada del-rei.

O cardeal, que estava doente, peiorou na jornada, e, achando-se em Aranda, decidiu, para descançar alguns dias, passal-os no convento de franciscanos de Aguilera. No principio de setembro receberam o infante e os governadores uma carta del-rei, datada de Flandres, ordenando ao cardeal Ximenez de Cisneros e ao deão de Lovaina que exonerassem do serviço da casa do infante D. Fernando o commendador-mór de Calatrava, Gonçalo Nunez de Gusmão, seu aio; os sobrinhos d'este e filhos de Ramiro Nunez; a Suero de Aguila, seu estribeiro, filho de D. Isabel de Carvajal, sua aia; e outros dignitarios da côrte, porque se fallava de que conspiravam com alguns grandes do reino a favor do infante, seu amo, para o elevarem ao throno.

Esta carta obrigou o cardeal a tomar certas providencias para obedecer ás ordens do rei.

Avaliemos agora quaes eram as probabilidades que o infante D. Fernando tinha em Castella para poder subir ao throno; examinemos o seu caracter e o dos personagens que o auxiliavam, e d'este modo comprehenderemos o primeiro acto da politica de Carlos V em Hespanha, acto que revelava a sua energia, e que, porventura, conquistando-lhe a sympathia dos subditos, auxiliou-o poderosamente para chegar a fazer do seu reinado um dos mais brilhantes da monarchia hispanica.

(Continúa) B. A.

MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

(Conclusão. Vid. pag. 121)

II

FASTOS DO MOSTEIRO

Apesar da sua muita antiguidade e da consideração que desfructou a ordem de S. Bento em Portugal, os fastos de Tibães formam um capitulo breve e pouco brilhante.

A maior gloria d'este mosteiro consistia, além de ter por primeiros fundadores um rei e um santo, e por antigos padroeiros uma infanta e alguns varões illustres, em contar entre os seus filhos santos martyres, arcebispos de Braga e muitos religiosos que resplandeceram por suas virtudes e saber.

A honra de ter por abbades commendatarios varios grandes personagens e homens notaveis em letras, entre os quaes figuram o cardeal D. Jorge da Costa, Fernão Lopes e Ruy de Pina, chronistas-móres do reino, esta honra dizemos, bem a dispensavam os monges, porque os taes abbades commendatarios, introduzidos, mau grado da ordem benedictina, comiam os rendimentos do mosteiro, com pouco ou nenhum proveito d'elle, em terras distantes e algumas vezes estranhas, como succedeu com o cardeal D. Jorge, que usufruiu este beneficio durante a sua estada em Roma.

Quanto a riquezas, não tinha o mosteiro muito de que se ufanar, por quanto, se o compararmos n'este ponto com os principaes mosteiros das outras ordens religiosas, e até com outros da propria ordem de S. Bento, poderemos chamar-lhe pobre. Abstrahindo, porém, da comparação, diremos que tinha sufficientes rendas para sustentação decente de uma communidade numerosa! Provinham-lhe essas rendas de algumas propriedades rusticas, de fóros e pensões que

recebia sob diversos titulos, em razão de ser o seu dom abbade senhor do couto de Tibães, que lhe fôra doado pelo conde D. Henrique de Borgonha e sua mulher, a rainha D. Theresa, e tambem como padroeiro de várias egrejas que apresentava.

Porém, relativamente a privilegios e isenções, podia blasonar o mosteiro de Tibães. A munificencia dos nossos reis tinha concedido ao seu prelado, em differentes epochas, os titulos de *capitão-mór e senhor do couto de Tibães, e coudel-mór, repartidor das armas, alcaide-mór e ouvidor*. E não eram estes titulos simplesmente honorificos. Andavam-lhes annexas funcções importantes e bons proventos, bons em relação á área do couto, que apenas tinha de circuito pouco mais de dez kilometros, circumferencia muito menor que a de algumas propriedades do mosteiro de Alcobaça.

Na qualidade de *senhor*, provia o couto de auctoridades, nomeando os juizes ordinario, do civel e do crime; e como *ouvidor*, decidia, por appellação, nas causas civeis. Como *alcaide-mór* e *capitão-mór*, nomeava o meirinho e o capitão que havia de commandar as milicias do mesmo couto. O officio de *coudel-mór* impunha-lhe a obrigação de promover a criação de cavallos; e o de *repartidor das armas* dava-lhe a prerogativa de escolher os cidadãos a quem se havia de entregar armas para o serviço da nação e do rei.

A todos estes privilegios ainda ajuntava este mosteiro a preeminencia de ser casa capitular, cabeça da ordem benedictina em Portugal, o que teve principio regendo este reino o cardeal infante D. Henrique, na menoridade del-rei D. Sebastião, e precedendo as bullas do summo pontifice Pio v, de 22 de julho de 1569, pelas quaes foi a ordem de S. Bento reformada, e todos os seus mosteiros n'este paiz unidos em congregação, sob o governo de um prelado com honras episcopaes, e intitulado *dom abbade geral*.

III

TEMPLO, EDIFICIO DO MOSTEIRO E CÊRCA

Antes de fazermos a primeira viagem á provincia do Minho, tinhamos ouvido encarecer tanto as grandezas do mosteiro de Tibães, e por tal modo accrescentavam esta fama os pergaminhos da sua antiguidade e os brazões da sua nobreza, que tudo isto excitou em nós o mais vivo desejo de visitarmos aquelle celebrado monumento.

Foi no verão de 1845 que pela primeira vez nos dirigimos ao Porto para vermos a segunda cidade de Portugal e para d'alli fazermos uma viagem pelo interior da provincia. Seguindo o itinerario que traçáramos, quando partimos de Braga para Tibães já tinhamos visitado os mosteiros de Santo Thyrso, a uns 25 kilometros do Porto, e o de Pombeiro, a 5 kilometros de Guimarães. A desillusão que tivemos á nossa chegada a Tibães foi das mais completas que se tem apresentado ao nosso espirito.

Talvez nos parecesse tão mal pela prevenção favoravel que levavamos; talvez tambem pela comparação com os dois mosteiros que acabavamos de examinar. Entretanto, o que é certo é que não encontrámos no mosteiro de Tibães coisa alguma que nos captivasse a attenção; e se achámos de que nos admirarmos foi da mesquinhez de construcção da maior parte dos edificios que constituiam o mosteiro.

A egreja, dedicada a S. Martinho, foi reconstruida *a fundamentis* no seculo xvii. É um templo grande, de proporções regulares, de architectura singela, mas pesada e desengraçada, tanto no exterior como interiormente. E n'isto faz singular contraste com a esbelta columna de ordem corynthia, coroada com um globo e cruz, tudo de pedra, que se ergue em frente da sua fachada, servindo-lhe de cruzeiro.

É muito vasto o mosteiro, compondo-se de tantos corpos de edificios, que sómente os que formavam o antigo noviciado podiam passar por um convento com bastante capacidade para uma communidade numerosa. Exceptuando o que deita para o adro da egreja, e que se vê representado na gravura a pag. 121, todos os mais corpos do mosteiro guarnecem os claustros ou se estendem pela cêrca. Todos, em geral, são de construcção mesquinha, e muito baixos, defeito este que os frades desculpavam, dizendo que assim tinha sido necessario para fazer a casa abrigada, visto ser o sitio muito ventoso.

Tem varios claustros, porém nenhum se distingue por genero algum de belleza que o faça digno de descripção. Os dois principaes ficam, um contiguo á egreja, e o outro proximo d'este. Ambos tem o centro adornado com seus tanques de repuxo, ou chafarizes, abundantes de agua. D'ella tinha o mosteiro muita cópia, vendo-se encanada para todas as officinas.

Quando visitámos o mosteiro não achámos n'elle obra alguma de arte, não diremos primorosa, mas nem sequer de merecimento mediocre, exceptuando talvez alguma obra de talha doirada nas capellas do templo. Na casa do capitulo, ou na que fôra livraria, não estamos bem certos em qual d'ellas, vimos uma grande collecção de paineis a oleo, guarnecendo as paredes, que se não se reconhecesse, por alguns dos personagens que representavam, que eram producção dos dois ultimos seculos, presumir-se-hia que pertenciam á infancia da arte. Estas detestaveis pinturas são retratos dos prelados e outros filhos illustres do mosteiro, entre os quaes figuram alguns que cingiram a mitra, presidindo a algumas dioceses episcopaes.

Entretanto, no tempo dos frades possuia este mosteiro alguns bons quadros a oleo de auctores nacionaes e estrangeiros. Varios d'estes paineis foram para a cidade do Porto, onde fazem parte da galeria publica de pinturas existente no edificio do extincto convento de Santo Antonio. Cremos, porém, que por occasião da extincção das ordens religiosas alguns d'aquelles paineis se extraviaram.

A cêrca do mosteiro é toda murada, não obstante ter de circumferencia 3 ou 4 kilometros. Consta de muitas terras de pão, pomares, olivaes, arvores com vides entrelaçadas e matta de arvoredo copado. Tem várias fontes de excellente agua, e uma ermida pelo menos.

O mosteiro está edificado em terreno elevado e desaffrontado. Das janellas, e principalmente das torres da egreja, descobre-se um bonito panorama, que para o lado do norte se estende por mais de 18 kilometros, desde as formosas e proximas veigas do rio Cavado até aos altos e ponteagudos pincaros da serra do Jerez.

Todavia, tambem não ficámos namorados da situação do edificio, póde ser que em razão do muito que nos encantára, havia pouco, a situação deliciosa e pittoresca dos mosteiros de Santo Thyrso e Pombeiro. O de Tibães está em logar solitario e distante de povoado. As margens do Cavado tem sitios muito amenos, não ha dúvida, porém os terrenos mais proximos do mosteiro e da sua cêrca, outr'ora, nos tempos da primeira fundação, tão assombrados de bosques, que o cenobio benedictino ficava inteiramente occulto entre a ramagem das arvores, vêem-se agora, ou pelo menos viam-se quando alli estivemos, nús de arvoredo, e pela maior parte incultos.

Depois da extincção das ordens religiosas em 1834, ficou o mosteiro abandonado até ao anno passado, em que foi vendido, excepto a egreja. A cêrca foi posta em praça ha mais annos, e é tambem propriedade particular.

A nossa gravura é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio